

# Langoni pediu mais 4,2 bilhões

**A.M.PIMENTA ALVES**  
Nosso correspondente

WASHINGTON — O presidente do Banco Central do Brasil, Carlos Langoni, disse aos banqueiros com os quais se reuniu em Nova York, antontem, que o Brasil vai precisar de mais 4,2 bilhões de dólares este ano.

Langoni pediu que os bancos estendam o prazo para o pagamento de cerca de 1,2 bilhão de dólares, em prestações restantes do empréstimo-ponte e curto prazo de quase US\$ 2,4 bilhões que os bancos concederam ao Banco Central, no ano passado. A dilatação do prazo dessas prestações faria parte do pacote de US\$ 4,2 bilhões que o País tenta obter.

O presidente do Banco Central do Brasil solicitou, ainda, que os bancos privados desembolsem esse dinheiro antes do Fundo Monetário Internacional liberar a segunda parcela de US\$ 374 milhões de Direitos Especiais de Saque (menos de 400 milhões de dólares à taxa de hoje), cujo desembolso foi suspenso pelo fato de o Brasil ter-se desviado das metas do programa acertado com a instituição no final do ano passado e formalmente aprovado pela sua diretoria-executiva no dia 28 de fevereiro.

Os 4,2 bilhões de dólares seriam

adicionais ao empréstimo-jumbo de 4,4 bilhões, de longo prazo, que os bancos internacionais concederam ao País em fevereiro, mas cujos desembolsos também foram suspensos até que o Brasil acertasse suas contas com o FMI.

Segundo um banqueiro, Langoni ainda quer um novo empréstimo-ponte para liquidar pelo menos parte dos atrasados comerciais do Brasil, que situou em cerca de 1,4 bilhão de dólares. Disse que, dentro de um mês, esses atrasos no pagamento de juros devidos pelo País chegariam a 2,4 bilhões de dólares.

O presidente do Banco Central deixou claro que o Fundo Monetário Internacional não aprovaria o desembolso de seus próprios recursos antes da nova reforma salarial se tornar lei. Langoni previu que o Congresso não a aprovará, mas que passará por decurso de prazo. Nesse caso, o dinheiro do Fundo só sairia em outubro. Mas Langoni disse também que o Brasil e a administração do FMI estavam próximos de um acordo.

A certa altura, William Dale, diretor-gerente adjunto do Fundo Monetário Internacional, entrou na sala e confirmou o que Langoni havia dito. Dale afirmou que o diretor-gerente da organização, Jacques de Larosière, havia ficado **queimado** pelo malogro brasilei-

ro em cumprir as metas do acordo, julgando ainda que sua credibilidade estava em jogo.

"Dale foi muito vago a propósito da possibilidade de a administração do FMI anunciar publicamente ter chegado a um acordo com o Brasil antes da confirmação da aprovação da política salarial", disse uma fonte. "Os bancos querem um sinal claro do FMI antes de pensar seriamente em desembolsar seus próprios recursos. Nada foi decidido. Os bancos estão muito relutantes em dilatar o prazo para o Brasil pagar o empréstimo-ponte."

Os bancos acharam irônico o fato de o diretor-gerente adjunto do FMI ter sugerido que desembolsassem seus empréstimos antes de o FMI liberar os seus.

Na sua conversa com os bancos que participam do comitê de assessoramento liderado por William Rhodes, do Citibank, Langoni revelou também estar pensando em recorrer ao Clube de Paris para renegociar a dívida do governo para com órgãos oficiais. Referia-se certamente ao que o Banco Central deve ao Banco de Pagamentos Internacionais (BIS), com sede na Basileia, cujo empréstimo-ponte o Brasil não está pagando em dia porque o FMI não desembolsou seus recursos.



Arquivo

Langoni quer os empréstimos antes da 2ª parcela do FMI